

VISÃO ANGLICANA - JAMES GRIFFISS.

CAPÍTULO 5- FÉ E PRÁTICA

O homem de Portage já tenha ouvido até aqui alguma coisa a respeito da história da Igreja Episcopal e até mesmo como ela chegou àquela cidade. Talvez, porém, tenha continuada a conversação entre ele e o jovem diácono e tenha perguntado uma questão um pouco mais perspicaz e difícil: está bem a história da Igreja, mas “no que os anglicanos acreditam sobre Deus?” Com efeito, ele poderia ter dito, “creio em Deus, mas isso não significa que devo pertencer a uma Igreja. As Igrejas são excelentes para gente que gosta dessa espécie de bens, mas não tem muito a ver com fé em Deus.”

Naturalmente, quanto a isso, seria perfeitamente possível pensar na Igreja Episcopal ou em qualquer Igreja simplesmente como uma outra instituição na sociedade ou como aquele edifício bem conhecido na esquina. Afinal, as Igrejas possuem seus edifícios, fazem funcionar como um negócio, recebem e gastam dinheiro, empregam gente, pagam seguros e, às vezes, não parecem nada diferente de outras reuniões sociais de gente que pensa do mesmo modo. Todavia, a Igreja é mais do que uma outra instituição ou empreendimento de negócio. Tão interessante possa ser como a história do anglicanismo a coisa importante é que somos uma Igreja porque cremos em Deus. É a nossa fé em Deus - não a nossa história ou o nosso edifício - que é a razão de nossa existência.

Os cristãos crêem que o Deus em quem cremos foi revelado de modo único na pessoa e na vida de Jesus. Bem no início da história da Igreja cristã tal fé em Jesus foi expressa nos credos e formulada pelos teólogos como doutrina da Encarnação. Que Jesus foi encarnado como um ser humano e que ele compartilha a nossa história e nossa humanidade permanece como uma crença central de todas as Igrejas cristãs porque ela expressa o que é essencial para a nossa fé: Pois Deus amou o mundo de tal maneira que Ele deu o unigênito Filho, para que todo aquele que Nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna”(Jo 3.16).

Por outro lado, a doutrina da encarnação veio a ter importância particular no desenvolvimento do anglicanismo, influenciando no modo como pensamos, oramos, e adoramos até certo ponto singular dentro da comunidade cristã em escala mundial. Para nós a doutrina da Encarnação nos proporcionou uma ligação ente Deus em quem cremos e a Igreja com a qual cremos. Assim, é importante perceber donde a doutrina da Encarnação procede, como se desenvolveu como uma expressão da fé cristã e como tem sido central para maneira anglicana de crer.

CRER EM DEUS - UM COMPROMISSO COM ELE

Quando dizemos nos credos, “cremos em Deus, tentamos dar expressão ao que mais nos interessa e nos preocupa mais profundamente a respeito de nós e de nosso mundo: crenças e esperanças e experiências que estruturam e moldam as nossas vidas como povo cristão. Sem a nossa crença em Deus toda a história da Igreja e da teologia seriam simplesmente um exercício acadêmico, um estudo, talvez, na sociologia da religião e sua influência cultural. É a nossa crença em Deus que nos torna Igreja, comunidade reunida, portanto, qualquer relance da visão anglicana deve começar com uma compreensão do que os anglicanos querem dizer por “cremos em Deus”.

“Deus” é uma palavra complexa que expressa muitos níveis de significado. Como quaisquer outras palavras profundas como por exemplo, amor, morte, vida, esperança, justiça, alegria é uma palavra difícil de definir e fácil de usar. Dizemos que cremos em Deus, adoramos Deus, oramos a Deus. Também, dizemos que acreditamos que Deus está, de algum modo, envolvido com que acontece em nosso mundo e em nossas vidas. Alimentamos os famintos, cuidamos dos enfermos e moribundos em nome de Deus, mas em tempos de guerra, também, matamos em nome de Deus. E isso fazemos para a causa de Deus, assim pensamos.

“Crer” é, por outro lado, uma palavra com sentidos complexos e diversificados. Por exemplo, posso dizer que creio que alguma coisa está acontecendo quando, realmente, não estou seguro do que aconteceu. “Creio que o carro ultrapassou o sinal vermelho, mas não desejaria de jurar, no tribunal, que isso aconteceu” ou “creio no que os astrônomos me dizem a respeito do universo porque eles têm mais conhecimento do universo do que eu. “Crer” pode indicar incerteza sobre se alguma coisa é verdadeira ou não, ou aceitar alguma coisa como verdadeira porque alguém em quem confio me disse. Podemos crer em muita coisa - no que um político diz num ano eleitoral ou no que um pregador diz num domingo, mas em muitos casos cremos como costumamos dizer com um grão de sal.

Também, podemos falar a respeito do “crer” num sentido mais forte. Por exemplo dizer que cremos em alguma coisa ou em alguém expressa um compromisso fundamental. Pode ser um ato que determina minha vida e estrutura as minhas ações futuras. Por outro lado, se uma pessoa em quem confio me diz alguma coisa importante, estou mais inclinado a aceita-la. Creio no que ela ou ele me diz porque tenho um compromisso básico com essa pes-

soa. Naturalmente, o compromisso pode ser bom e mau. Numa época muitos acreditava na versão estalinista do comunismo na União soviética, mas eventualmente, perderam a fé em estalinismo quando perceberam suas consequências desastrosas.

Crer em alguém ou em alguma idéia tem conseqüências mais profundas para a vida das pessoas do que simplesmente crer que alguma coisa pode ser verdadeira ou não. “Crer em “ envolve compromisso. “Crer que” está aberto à modificação quando mais informação vier ao nosso alcance. Naturalmente, crer numa pessoa ou numa idéia pode estar, também aberto à alteração, se a pessoa vem a ser não mais a pessoa em quem pensávamos ou a idéia se torna destrutiva. Todos nós podemos ser ingênuos de quando em quando, mas perder a nossa confiança em alguém ou em alguma idéia é muito mais uma guinada forçada do que simplesmente chegar a acreditar que alguma coisa mais esteja no caso - afinal, o carro ultrapassou o sinal vermelho.

Quando recitamos os credos cristãos, começamos dizendo que cremos em Deus, e que não acreditamos simplesmente em alguma coisa a respeito de Deus. Mesmo quando afirmamos que cremos em Deus é Criador do céu e da terra, por exemplo, o compromisso fundamental é com Deus. O que dizemos por Criador está amarrado à crença mais fundamental em Deus. Bem que poderíamos significar diferentes coisas quando dizemos que cremos que Deus é “Criador” - como se demonstra pelo contínuo conflito entre os “criacionistas” que acreditam que Deus o mundo literalmente em seis dias e o cientistas que adotam uma escala de tempo para as origens e evolução do universo - mas a nossa crença de que Deus é o criador do céu e da terra não depende nem das especulações cosmológicas dos ovos antigos nem das descobertas da astrofísica de nossos dias. A nossa competência para dizer que cremos em Deus como Criador surge de nossa fé mais fundamental e anterior em Deus como fonte e centro de tudo que é, a crença à qual a estória bíblica de Gênesis dá testemunho profundo.

Tais distinções tão óbvias como possam ser são importantes para a religião, em geral, mas, em especial, para a fé cristã. Pelos séculos os cristão têm acreditado em muitas coisas sobre Deus ou Jesus Cristo ou Espírito Santo. Uma grande quantidade de estórias e ensinamentos se desenvolveram na tradição cristã, algumas das quais não consideramos, hoje em dia, críveis ou edificantes. Considerem Deus raivoso e zangado de muitas pregações de “fogo e enxofre” que refletem muitas estórias da Escritura Hebraica a respeito da vingança de Deus ou estórias mais encantadoras e igualmente mais perturbadoras em alguns dos evangelhos apócrifos (escritos no início da história cristã rejeitados pela comunidade cristã) a respeito do menino Jesus que amaldiçoou seus companheiros porque o bateram num jogo. A história cristã tem aninhado aqueles cujas crenças a respeito de Deus os têm levado a matar ou torturar a si mesmo ou outros “em nome de Deus.”

Na história cristã, os cristãos inteligentes e devotos têm, às vezes, discordado muito legitimamente com a forma com que eles falariam sobre Deus e sua relação com eles. No século XIII, Tomás de Aquino falou a respeito de Deus em termos diferentes de Martin Lutero no século XVI. Hoje em dia, há controvérsia considerável entre os cristãos sobre Deus como “Pai”, porque alguns acreditam que o “Pai “ é um nome da auto-revelação de Deus e, por isso, é insubstituível, enquanto que outros igualmente devotos e sérios consideram-no um nome que não deve ser mais usado ou usado com bastante reserva porque o “Pai” parece implicar que Deus é masculino.

Naturalmente, em última instância, todo o discurso sobre Deus é uma tentativa, é um gaguejar como um teólogo antigo o expressou. Tomás de Aquino, que escreveu volumes sobre Deus, disse após uma visão de Deus em oração que tudo que ele havia escrito era “palha” e se retirou para o silêncio. Como um dos teólogos contemporâneos, Karl Rahner, havia dito: Deus é Mistério absoluto e os místicos cristãos sempre nos lembraram de que Deus é conhecido no silêncio na “noite escura da alma”. Esta é a razão porque necessitamos de poetas, contadores de estórias e outros com tais dons de imaginação bem como teólogos, pregadores, pois crer em Deus é um ato comprometido, de maravilha e coragem que nos chama para além de nós para uma realidade maior que as nossas palavras podem exprimir.

Todavia, nós, anglicanos juntamente com outros cristãos, ousamos fazer a confissão da fé em Deus todos os domingos quando dizemos um dos credos que usamos em nossa liturgia: o Credo dos apóstolos, na Oração Matutina ou Vespertina e o Credo Niceno, na eucaristia. Batizamos, também, as pessoas com a confissão da fé em Deus Pai Onipotente, em Jesus Cristo, e em Espírito Santo. Seja qual for o conflito que tenhamos a respeito de como falar sobre Deus, ainda estaríamos confessando que “cremos em” em algum tipo de Deus. Quem é esse Deus de Jesus em que cremos?

Os primeiros seguidores de Jesus, conforme os primeiros escritos da comunidade cristã, vieram crer que o “filho do carpinteiro”, a quem eles seguiram era mais do que mestre itinerante e obreiro de maravilhas. Ele tinha alguma coisa a ver com Deus. Como judeus o Deus que eles conheciam era Deus presente na história do seu povo e a quem oravam na comunidade de Israel. Deus com quem Jesus tinha a ver era Deus que eles conheceram de sua própria experiência como bons judeus. O mestre foi crucificado e morreu, todavia, como os primeiros discípulos creram estava ainda presente numa nova e surpreendente, o que eles denominaram de ressurreição.

Várias comunidades se configuraram em torno desta pessoa. Lembraram-no e continuaram no seu ensino e creram que em sua presença com eles naquelas comunidades formadas em seu nome pelo seu Espírito. As histórias sobre Ele e seu ensino vieram, eventualmente, a ser escritos e formam o que chamamos de Novo Testamento - narrativas evangélicas, cartas de Paulo e de outros que escreveram às Igrejas que eles fundaram pelo Império romano.

Também, logo que essas pequenas comunidades, cada qual com suas séries de crenças e histórias lembradas, uniram-se e se organizaram. Elas desenvolveram liturgias para a iniciação de novos membros nas suas comunidades - batismo - e formas de adoração que centrasse em torno de Jesus Cristo por meio de celebração de sua morte e ressurreição - a Eucaristia. Elas reuniram vários escritos a respeito de Jesus e decidiram que eram inspirados pelo Espírito Santo e eram apresentações autênticas Dele - o Cânon da Escritura. Natural, no devido curso, também algumas pessoas em cada comunidade foram separadas para ministrar a comunidade - presbíteros e diáconos - ou ter a supervisão(episcopo) de várias comunidades - o que chamamos hoje de bispos ou pastores principais.

Gradualmente e com grande esforço de conseguir o objetivo através de modo um tanto desorganizado, todos esses escritos, doutrinas e estruturas tomaram forma definida e desenvolveram-se em tradições, costumes, sendo alguns deles de importância central como os ensinamentos sobre Jesus, e outros de importância menor como o debate de Paulo sobre se a mulher deve cobrir a cabeça ou o homem não deve ter cabelos compridos. A ironia da história cristã está em que, as vezes, costumes menores se tornam fonte de maior conflito do que tradições principais da fé!

Também, no devido curso, depois de pensar, orar, argumentar, debater, crer e adorar muito, as comunidades começaram dar nomes aos eventos da vida histórica de Jesus e de sua contínua presença com elas na comunidade e desenvolver ensinamentos definidos a respeito desses eventos e a respeito do próprio Jesus. Nomes e ensinamentos chegaram a nós como doutrinas - o que cremos sobre Deus a quem Jesus chamou de Pai, e sobre o próprio Jesus e sobre o Espírito Santo que Ele prometeu a enviar: o Espírito Santo, a Encarnação, a morada do Espírito Santo, graça e salvação.

Catalogadas simplesmente deste modo, as doutrinas sobre Deus podem parecer uma coisa que confunde a gente: construções intelectuais que obscurecem uma fé simples em Jesus. Com efeito, essas doutrinas eram parte da tentativa da Igreja primitiva de explicar e preservar da distorção a história do que Deus fez e continua fazer em Jesus. O desenvolvimento da doutrina era parte integral da missão da Igreja - contar a história de Jesus a outros. Devido ao fato de que os discípulos antigos proclamaram o Seu Evangelho num mundo cheio de deuses e divindades, onde até o imperador era um deus, era importante que eles colocassem a história sob perspectiva certa, isto é, que no “filho do carpinteiro” começou uma nova era e foi revelada a palavra da verdade a respeito de Deus e seres humanos.

Em nenhum lugar essa fé foi mais vigorosamente expressa que no prólogo do Evangelho de João.

No princípio, era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez...

E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade.

E todos nós recebemos também da sua plenitude, com graça sobre graça. Porque a lei foi dada por Moisés; a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo. (1.1-3,14,16-17)

Quando você acredita em tais coisas sobre alguém, é importante colocar a Sua história sob perspectiva certa.

A fim de focalizar certo a história a Igreja primitiva produziu dois credos, duas profissões de fé. A mais antiga, o Credo Apostólico, que se desenvolveu das afirmações antigas usadas no Batismo. Quando os candidatos em sua incorporação na Igreja eram levados diante da assembléia, confessavam sua fé em Deus, Pai e Criador, em Jesus, o Filho de Deus e Senhor que nasceu da Virgem Maria, que morreu na Cruz e ressurgiu, o qual virá novamente

em glória para julgar tudo que é, e em Espírito Santo. O credo batismal é uma expressão simples e direta da fé e é ainda usado, hoje em dia, na Liturgia batismal e nos Ofícios diários da Manhã e da Tarde.

O Credo Niceno foi composto no IV século durante dois Concílios da Igreja primitiva que foram convocados para reconciliar interpretações conflitantes a respeito da natureza de Jesus e sua relação com o Deus Pai. O partido ariano acreditava que Jesus, em sua natureza divina, não poderia ser identificado completamente com Deus eterno e imutável. Argumentar que a divindade de Jesus é uma com a divindade de Deus faria Deus, por assim dizer, menos que Deus - tão confundido com a história humana e com o mundo material. Portanto, os arianos concluíram que considerar Jesus o “Filho de Deus” deve significar menos do que verdadeira e completamente divino, alguma coisa mais parecida como um mediador entre a natureza eterna de Deus e a natureza criada dos seres humanos.

O partido oponente, liderado por Atanásio sustentou que, se Jesus fosse alguma coisa menos que a verdadeira natureza do Deus eterno, tal crença teria consequências desastrosas para a nossa salvação em Cristo. Só se Jesus for verdadeiramente Deus, argumentaram eles, os seres humanos podem receber o dom da salvação e vida eterna por meio da obra redentora. Para ser o nosso Salvador, Jesus deve ser “consustancia” com Deus Pai.

O termo grego que eles usaram era *homoousion*, termo difícil de se traduzir para o vernáculo, ser ou substância é a tradução mais aproximada. A questão básica, no entanto, consistia em que este ser humano que compartilha completamente a nossa natureza humana, também, compartilha completamente a natureza divina e que pode ser verdadeiramente considerado Deus. Ele não é um semideus ou menos divino (há muitos deles nas religiões greco-romanas.), mas Ele é um com o mesmo deus conhecido ao povo de Israel, o qual criou e governa toda a criação.

A reflexão teológica adicional levou o Concílio de Constantinopla em 381 incluir no Credo Niceno uma confissão similar na divindade do Espírito Santo, “Senhor, doador da vida, que procede do Pai [e do Filho]”¹ A versão final do Credo de Nicéia tornou-se confissão básica da fé cristã e hoje em dia é dito cada domingo na Eucaristia da Igreja Episcopal como uma declaração teológica de nossa crença em Deus.

O conflito a respeito da natureza de Jesus não terminou ali. O Concílio de Nicéia deixou questões significativas para serem exploradas pelas futuras gerações de cristãos. Agora que confessamos que Jesus é verdadeiramente Deus, verdadeiramente um com a natureza divina, que isso diz acerca de sua vida humana? Ele é verdadeiramente humano, um ser humano como nos tentado como nós, sofre como qualquer um de nós ou Ele apenas parece ser um ser humano de modo que sua vida entre nós e sua morte era somente um disfarce? Se não foi tentado como nós Ele pode nos salvar realmente? Se Ele realmente não sofreu e não morreu na cruz como uma verdadeira pessoa humana, pode, então, sua ressurreição ter algum sentido para nós?

Os escritos do Novo Testamento deixaram claro que Jesus era um ser humano, homem com todas as características normais de nossa humanidade. Ele nasceu de uma mãe humana, cresceu, perambulou, conversou com seus discípulos, comeu, dormiu, ficou zangado, cansou, chorou, e, finalmente, foi morto. Porém o Novo Testamento deixou muito claro, também, que Ele era muito mais que um ser humano comum, um camarada médio, por assim dizer. Seu nascimento, conforme algumas narrativas, foi milagroso. Ele fez milagres de cura e muito para o espanto de seus seguidores, perdoou os pecados do povo, ensinou a sabedoria de Deus. No Evangelho de João Ele é lembrado como tendo-se identificado com Deus e tendo dito que Ele enviaria o Espírito de Deus para estar com seus discípulos. Ele foi ressuscitado dentre os mortos e elevado à glória de seu Pai nos céus.

E ainda mais importante, os cristãos primitivos vieram por meio de oração e adoração crer Nele como o Messias da esperança judaica, o Salvador, o Filho de Deus, o qual foi eternamente gerado de Deus, e que continuou estar presente com a comunidade dos crentes que se reuniam para lembrá-lo na Santa Eucaristia. Quem era Ele? Certamente, mais do que alguém pretendendo ser Deus, certamente, mais do que Deus pretendendo ser humano. Ele não era, com certeza, como disse um pregador confuso “metade Deus e metade humano” Mais importante do que isso é: quem ele é hoje? Em Sua glória, “à direita do Pai” ainda compartilha a nossa humanidade, de modo que possamos continuar confessando-o como verdadeiramente Deus e Verdadeiramente humano?

¹ A frase e do Filho, filioque, não fazia parte do credo original. Foi aditada pela Igreja do Ocidente durante controvérsias posteriores sobre o arianismo e é rejeitada pelas Igrejas Ortodoxas do Oriente tanto pelas razões teológica quanto históricas. É ainda um pomo de discórdia entre os dois grandes ramos da Igreja Cristã. Há algum movimento dentro das Igrejas da Comunhão Anglicana para remove-la da versão do credo no Livro de Oração Comum, ou, pelo menos, coloca-la entre colchetes, para que o credo mais verdadeiramente ecumênico. Todavia há problemas maiores ao proceder sua remoção, visto que a frase e a doutrina que ela representa têm sido parte da teologia e espiritualidade ocidentais por muitos séculos.

Para debater essas questões um outro concílio foi convocado na cidade de Calcedônia em 451. As respostas não vieram facilmente e só depois de muito debate que os bispos e os teólogos decidiram sobre a linguagem que os cristãos devem usar na conversa sobre sua fé em Jesus como Deus e ser humano. Todavia, tentaram expressar inadequadamente o mistério cristão fundamental da fé em Jesus Cristo, pessoa que vive no tempo e no espaço, o qual é a presença do Deus Santo e eterno conosco.

Na sua definição de Calcedônia, (o texto pode ser encontrado na seção sobre o documentos históricos, no Livro de Oração Comum Americano) os bispos e teólogos declaram que quando se fala em Jesus devemos dizer que Ele é completamente Deus e completamente humano (anthropos no grego) consistindo de alma e de corpo e consubstancial (homousios) com o Pai e, ao mesmo tempo, uma substância conosco, como nós de toda forma, à parte do pecado, . Jesus foi gerado do Pai antes de todos os tempos e nascido de Virgem Maria (theotokos, aquela que deu nascimento a Deus, o Filho) para a nossa salvação. Por conseguinte, devemos confessá-lo como “um só e mesmo Cristo, Filho, Senhor, Unigênito em “duas naturezas que forma uma pessoa”.

O mistério que essas palavras procuram esclarecer é que Jesus é uma pessoa, um indivíduo. Ele não é alguém dividido em duas partes - “meio Deus e meio humano”. Ao invés disso, Ele é a unidade de tudo que é Deus e tudo que é humano. A nossa esperança da salvação deve ser encontrada precisamente em sua unidade como pessoa, divina e humana. Por meio Dele como ser humano, nós, seres humanos somos unidos com Deus. Jesus Cristo é a presença de Deus conosco numa vida inteiramente humana.

Que toda essa linguagem teológica significa par nós cristãos? Deixem-me tentar explicar isso em termos de minha própria experiência de viver no Cristo encarnado. Através dos anos aprendi que só na oferta de tudo que somos - nossos pecados, nossas falhas, bem como todas as coisas boas a respeito de nós mesmos - podemos encontrar a união última com Deus, o que denominamos de salvação ou vida eterna. Posso oferecer a mim mesmo, por mais que tenha, hesitação quase sempre, só porque por meio da fé em Jesus compartilho a vida daquele que era como eu, um ser completamente humano com todas as nossas limitações de nossa humanidade, mas que, também, demonstrou nessa vida humana o que significa ser um com Deus.

Por outro lado, quase todo o tempo estou dividido, fazendo guinadas para muitas direções diferentes, incerto a respeito do que quero e preciso, rasgado entre meu desejo por Deus e pela idolatria de mim mesmo. A minha esperança - e é a esperança de todos os seres humanos, acredito - ser uma pessoa, em união de amor com a Fonte de tudo quanto é e com os seres humanos companheiros. Só então posso ser verdadeiramente eu mesmo.

Naturalmente, não posso ler a mente dos que compuseram a Definição de Calcedônia, mas acredito que na linguagem deles altamente técnica podemos ouvir a mesma esperança. A nossa esperança da salvação e da vida eterna deve ser encontrada na pessoa Jesus, que é um com Deus e um conosco - não alguém cortado ao meio entre a chamada divina e a existência humana, mas alguém que nos mostrou como é a vida com Deus e que agora mesmo nos possibilita compartilhar essa vida. Seja qual for a linguagem que usamos, seja de Calcedônia seja outra, para descrever tal esperança, esta é a fé cristã na Encarnação de Deus em Cristo.

FÉ - EXPERIÊNCIA MUITO LIGADA COM A COMUNIDADE DE FÉ

Que espécie de Deus em quem cremos - as palavras e figuras que usamos para descrever Deus - têm sérias conseqüências para o modo como vivemos as nossas vidas. A nossa imagem de Deus influirá no modo como oramos e como experimentamos a presença de Deus, no que os nossos princípios morais são e na forma como as nossas crenças influem as nossas decisões cotidianas de votar, comer, beber, práticas sexuais, e todo o resto. Todos nós temos convicções e preconceitos que, na superfície, podem parecer que pouco tem a ver com crer em Deus. Porém quando examinamos as nossas convicções e preconceitos mais profundamente descobrimos freqüentemente que eles são conseqüências de um crença mais profunda ou de um tipo de descrença num certo tipo de Deus.

O passo intelectual e emocional do crer em Deus dum modo geral para crer numa espécie de Deus envolve muitos fatores. Como muitos outros passos desse gênero na vida de pessoa - apaixonar-se, e fazer compromisso de vida com outra pessoa, por exemplo, - podem ser resultado da educação da pessoa, origem étnica, formação cultural, a linguagem que fala, orientação sexual, gênero, status de família e de multidão de outros fatores psicológico, econômico e político. Como acreditamos não é uma questão de uma boa ou má teologia. Uma pessoa que cresceu com os pais zangados e ofensivos podem ter muita dificuldade em crer que Deus ama e perdoa. Uma pessoa que viveu numa sociedade onde o poder e autoridade são exercidos apenas por um grupo bem pode crer que Deus é sua exclusiva propriedade. E pode haver muitas outras variações.

Em outras palavras, há muitas razões diferentes para o por que e como cremos da forma como cremos. Já faz tempo quando alguém se tornava cristão por falta de alternativas religiosas viáveis. Certamente, ser anglicano é jamais consequência de cultura ou de classe em que se encaixa por acidente de nascimento. Hoje em dia, a maioria das pessoas fazem alguma espécie de escolha - decisão de crer ou não, decisão de crer deste jeito ao invés daquele jeito. A escolha que fazemos tem importância, porque ela tem consequência para aquilo que somos e para aquilo para o qual nos tornamos.

Como disse no primeiro capítulo deste livro, quando u narrava alguma coisa de minha própria história com a Igreja Episcopal, realmente, não tinha que fazer escolha para crer no Deus cristão - tal crença era parte do mundo em que cresci - mais ou menos caí dentro da Igreja Episcopal por acidente, ou como gostaria acreditar, pela direção de deu. Não fiz uma escolha muito consciente. Porém, à medida que continuei ser anglicano através dos anos, tornei-me mais e mais consciente do porque permaneço com ela. Permaneço esta comunidade não porque é agradável ou conveniente, mas porque eu creio que, nesta comunidade particular de fé, um certo tipo de Deus me fez conhecer.

Crer em certa espécie de Deus é o que quero dizer quando eu digo que sou cristão e não uma outra espécie de crente - budista ou muçulmano ou crente de uma das outras grandes traições religiosas. Mas nem sempre é fácil de crer de tal maneira, crer em tal Deus. Nas condições concretas diárias de minha vida e da vida de outros, surgem problemas e tensões quando procuro entender que significa tal crença. Como devo relacionar a fé em Deus com as decisões que devo tomar e com espécie de vida que devo levar? Em que espécie de pessoa a minha fé exige que me torne? Que fazer com os problemas e tensões que surgem de minha própria dúvida e desespero ou da dúvida e desespero de outros? Como continuar crendo em Deus que está presente em Jesus Cristo e Espírito Santo, Naquele que vai renovar todas as coisas, quando somos confrontados pela dor do parto deste mundo triste: ódio, guerra, violência, injustiça, pobreza e todo o resto que lemos nos jornais, vemos nas ruas e nas televisões? O mundo está cheio de dor e é, muitas vezes, difícil de crer em Deus. Todos os cristãos devem lidar com tais questões, pois elas surgem da tensão entre a nossa fé em certa espécie de Deus e as condições de nossa humanidade. O mundo em que vivemos está longe de ser o Reino prometido a nós.

Muitos de nós encontram no anglicanismo uma comunidade de fé que, cremos, nos proporciona um jeito de crer sem negar que essa tensão de fé é real e presente. Talvez não sejamos sempre capazes de dar respostas claras e definidas e a respostas que damos podem sem sempre ser as melhores. Mas cremos que a nossa maneira de tratar os problemas e questões nos capacitam a continuar crendo m Deus que está presente em Jesus Cristo e no Espírito Santo. É o que denomino de crer com a comunidade da fé, sendo sustentado na fé por aqueles com os quais compartilho a fé e luta - a Igreja. A Igreja, cremos, com toda a sua história de fracasso, é ainda a comunidade de pessoas separadas para Deus. Somos separados para ser a presença pessoal e testemunho de Deus no mundo, o corpo de Cristo, comunidade de adoração e lugar de juízo, graça e esperança da glória.

Aqueles, para os quais a Igreja é parte profundamente importante de suas vidas, estão conscientes da disparidade entre o que cremos sobre Deus e a Igreja como ela realmente existe na história. Talvez estejamos mais conscientes da discrepância do que os que não estão na Igreja. Tentamos entender essa questão dirigindo a nossa para Jesus Cristo, isto é, considerando o que a fé em Jesus Cristo como Salvador nos diz a respeito de Deus e dos caminhos de Deus conosco. Quando dirigimos a nossa atenção para Jesus como a verdade a respeito de Deus e a respeito de nossas vidas, cremos que temos a revelação de que o Deus Santo e transcendente vem a nós em todas as coisas pelas quais temos de passar. Deus vem a nós e fica conosco não como uma presença fugaz, um estranho que faz uma visita ligeira, e casual, mas alguém que permanece conosco em tudo que realmente importa na vida humana: alegria, amor, desejo da justiça, coragem, perdão bem como fracasso, dor, sofrimento, e morte. Como cristãos cremos que Deus é conosco na comunidade que denominamos de Igreja, comunidade que crê que o Deus que transcende toda a história está, na vida do ser humano de Jesus, presente conosco e nossa história - nossa história como indivíduos e nossa história como Igreja.

Às vezes. Gostaria eu de pensar que o Deus feito conhecido em Jesus Cristo não é realmente o que Deus é. Por vezes, penso que teria preferência por um Deus está sentado tranqüilamente num trono celestial bem distante da agonia e dor humanos. É mais fácil crer num Deus que vem do céu, de quando em quando e arranca a mim e aos outros dos apuros em que nos envolvemos - deus ex-machina dos dramas antigos em que deus desce numa carruagem de guerra, resolve todos os problemas e sobe de novo para o céu para o aplauso de todos. Posso até mesmo me encontrar orando dessa maneira: Deus, por favor, resolve todos os meus problemas, faz limpeza no mundo, torna tudo belo, afinal, tens o poder de fazer desaparecer tudo que é ruim. Porém crer em Jesus Cristo não me permite crer e orar dessa forma, pelo menos por muito tempo. Crer em Jesus sempre me leva a dirigir a minha atenção para

Deus, que está comigo nos apuros, ajudando-me a tratar da situação e transforma-la e a mim no processo e não me arrancando dos apuros.

Também, às vezes, penso que gostaria de pertencer a uma Igreja que é pura, santa sem mancha, sem pecadores, sem políticos, sem a necessidade de pagar os seguros ou ter consultas jurídicas, e, certamente, sem gente que sofre e que tenha de fazer duras decisões acerca das drogas, sexo, aborto, suicídio assistido e questões sombrias financeiras. A vida paroquial seria muito mais fácil sem todos esses problemas. Quando lecionava no Seminários teológicos descobria que os estudantes chegavam cada no cheios de sonhos a respeito de como seria passar três anos em oração e estudo, cercados pelos santos e distante das tentações do mundo, da carne e do demônio: a Igreja do modo como deve ser. Ai deles! Os sonhos não duravam muito. Com efeito, os estudantes aprendiam ligeiro que eles e seus colegas levam vidas tão confusas e pecaminosas quanto as daqueles que “vivem no mundo.”

Naturalmente, há diferença entre lutar com a confusão e pecado de nossas vidas enquanto vive numa comunidade que crê num Deus presente conosco em Jesus Cristo e lutar de acordo com o mundo que crê num Deus ausente e alheio aos problemas. Para o cristão o que torna diferente é a nossa fé em Jesus Cristo. A fé em Jesus nos chama a crer que Deus, o Eterno e Santo, está conosco na morte como na vida, na tristeza, na alegria. É isso que queremos dizer quando dizemos que Deus está conosco em Jesus Cristo. Em sua vida, morte e ressurreição e na sua exaltação e no envio do Espírito Santo no Pentecostes, Jesus nos mostra quem Deus é. E, pelo seu espírito nos capacita ter fé em Deus que governa este mundo triste e o levará para a sua glória.

Os Credos e a Definição de Calcedônia têm sido modos formais de declarar essa crença em Jesus Cristo por muitas gerações. São declarações acerca do que a comunidade cristã tem crido para colocar a estória sob perspectiva certa. Ser capaz de contar a estória de Jesus de modo certo envolveu, naturalmente, muitos fatores: escritos teológicos, sermões, catequese dos neófitos para o batismo, o modo como os cristãos primitivos tratar do mundo em que viviam e adoraram. Os primeiros cristãos creram que, na adoração, não só contavam a estória de Jesus - sua vida, sua morte e sua ressurreição e exaltação - também entraram na estória. Na adoração tomaram parte no mistério da redenção feita possível pela vida de Jesus. Assim a encarnação não era simplesmente uma fórmula verbal que alguém projetou, Era primeiramente uma doutrina que expressou em palavras a nova vida que eles receberam em Cristo.

No anglicanismo, como se desenvolveu historicamente muito disso tem sido verdade. A encarnação de Deus em Cristo veio a ser mais do que uma verdade ou doutrina sobre Jesus. Tornou-se para nós uma expressão de nosso jeito de crer - nossa maneira de crer em Deus e o que nossa fé em Deus diz a respeito de nós. A fé na encarnação é uma questão de identidade para os anglicanos e importante para o modo como entendemos a Igreja e o modo como interpretamos a Bíblia. Por essa razão os anglicanos sempre dirigiram a sua atenção para as decisões dos Concílios ecumênicos e para as difíceis declarações doutrinárias que eles desenvolveram para o auxílio na interpretação da Bíblia e na manutenção das doutrinas da Trindade e da Encarnação.

Porém, para os anglicanos a encarnação é, também é um modo de crer por meio do que fazemos na adoração. A adoração de Deus, à medida que se orna vida profunda de coração e mente, deve estar em Cristo: em sua humanidade, em sua unidade conosco como seres humanos oferecemos a nós mesmos a Deus com quem Jesus é um na sua divindade. Assim como por meio de sua adoração a Igreja dos primeiros séculos veio a crer em “Deus-conosco”, isto é, Deus presente em Jesus Cristo, assim, também para muitos anglicanos a adoração é o caminho pelo qual chegamos a crer em Deus presente em Jesus Cristo. Então, que é este ato tão central para a fé cristã e tão fundamental para nós que somos anglicanos? Esta questão nos leva ao tópico dos anglicanos em adoração, no próximo capítulo.

CAPÍTULO 6 - ADORAÇÃO ANGLICANA

Visão Anglicana capítulo 6

Adoração Anglicana

A adoração surge de uma característica do ser humano: a nossa necessidade de lidar com a o problema do significado. Até onde podemos conhecer os seres humanos são únicos entre os animais dotados de sentido deste mundo em nossa busca pelo significado. Ponderamos os “por quês”? indagações que começam bem cedo na infância - por que tenho de ir para a cama agora? - e continuamos até o fim da vida - por que a pessoa que amo deve sofrer tanto? Por que tenho de morrer? Os filósofos, teólogos e cientistas têm seus “por quês”: por que há alguma coisa ao invés do nada? Por que as coisas acontecem como acontecem?

Também, todos nós sabemos que as respostas que damos ao nosso “por que”, às nossas questões não são satisfatórias. A criança que é mandada a ir para cama agora “porque digo que você deve ir” não está provavelmente menos satisfeito com a resposta do que o cientista que busca entender as origens do universo ou a pessoa que vê o ente amado morrer de câncer. As respostas que apresentamos simplesmente não se encaixam nas perguntas que fazemos, porque as questões últimas nos impulsionam para além das explicações, que podemos, costumeiramente, dar às indagações comuns de nossas vidas. Podemos entender muitas coisas de nosso mundo, mas certas questões últimas sobre vida e morte, sofrimento, alegria e amor desafiam as nossas explicações comuns. Elas nos empurram para além de alguma coisa.

Alguns diriam que seria mais prudente não fazer essas perguntas, uma vez que não podemos responder a essas questões últimas. No entanto, a gente de fé acredita que as questões como essas exigem uma outra resposta, resposta que nos chama para além de nossa forma habitual de lidar com as questões para responder para responder por meio da fé, esperança, confiança e amor. Desejo pensar nessa “chamada para além de” como a coragem para adoração: oferecer a mim mesmo em louvor e ação de graças e conhecer a mim mesmo na presença de Deus. A coragem para adoração não é um ato de resignação ou ato que negue ou rejeite o que a minha mente pode me dizer. Antes, é um ato que me abre às novas possibilidades e compreensões, mostrando-me que o meu conhecimento e explicações não esgotam a realidade que há sempre mais para a minha vida e para o meu mundo do que posso pensar ou explicar ou mesmo até imaginar. A coragem para a adoração coloca a mim e as minhas experiências num contexto maior. Deixe-me dar um exemplo de como penso que a adoração funciona para nós.

Uma das formas que tentamos lidar com as questões últimas que não podemos responder é contar histórias. Os mitos antigos da criação, deuses salvadores, as fatalidades da mitologia grega e narrativas dos céus e do inferno são essas histórias. Famílias, amigos e comunidades contam, também, histórias - como elas começaram, como enfrentaram as provações e tribulações, como se alegraram nas vitórias alcançada. As histórias nos conectam com a nossa história. Elas nos capacitam a tomar parte num drama maior do que nossas vidas e entender a nós mesmos como parte de uma história maior sobre esperança, redenção, começo e fim. Não respondem as questões últimas, mas as colocam num contexto, que proporciona sentido para a nossa experiência individual.

O povo hebreu conta tal história, ao narrar minuciosamente o seu êxodo do Egito para a terra da promessa. Nesse evento a história deles diz, aí está o significado da vida de vocês como um povo com Deus. Não importa que aconteça, aqui está o sentido de tudo mais que possa acontecer, porque aqui vocês vêm o que Deus está fazendo e como o Deus de vocês é fiel. No decorrer dos séculos de perseguições e caminhadas sem rumo, os judeus têm contado e contado de novo essa história a fim de dizer que são eles, e dar-lhes identidade como um povoe reanimar sua coragem para continuar. Os sobreviventes de Holocausto falam na importância para eles recordarem e lembrar a história do êxodo nos campos de concentração. Para alguns, isso os possibilitou a ter a coragem de continuar a crer e sobreviver.

Também, nós, cristãos, contamos a história do nosso êxodo - a história da morte e da ressurreição de Jesus, que é o Deus-conosco, em nossa história humana como acreditamos. Nesse evento, a nossa história, Deus age em Jesus Cristo para nos salvar, para nos trazer da morte para a vida. A adoração litúrgica nos chama para a morte e ressurreição de Jesus. Ela faz a sua história a nossa história e assim ela é o sentido de tudo que nos acontece como povo cristão.

Na Igreja Episcopal, contamos a história de nosso êxodo nas liturgia do Batismo e da Eucaristia. O sacramento do Batismo é nossa incorporação na história do ato redentor de Deus em Jesus Cristo. Nele nos tornamos parte da história. Quando uma criança ou um adulto é batizado, o oficiante diz a seguinte oração sobre a água e, por meio da oração ela ou ele conta a história cristã:

Damos-te graças, ó Deus Todo-Poderoso, pela dádiva da água. Sobre ela o Espírito Santo movia-se no princípio da criação; por ela conduziste os filhos de Israel da escravidão do Egito à terra prometida; nela Jesus recebeu o batismo de João e foi revelado pelo Espírito Santo como o teu Filho, o Cristo, para dirigir-nos, por sua morte e ressurreição, desde a escravidão do pecado à Vida Eterna.(LOC p.168)

Nas orações da eucaristia contamos a história da salvação mais uma vez:

Ó Pai, de tal maneira amaste o mundo que, na plenitude dos tempos, enviaste teu único Filho para ser nosso Salvador. Feito carne pelo Espírito Santo, nasceu da Virgem Maria e viveu como um de nós, mas sem pecar.

Aos pobres proclamou as Boas Novas da salvação; aos prisioneiros, a liberdade; e aos tristes, a alegria. E, para cumprir o teu propósito, Jesus a si mesmo se entregou à morte, e, ao ressurgir da sepultura, destruiu a morte e renovou toda a criação. E, para que jamais vivêssemos para nós mesmos mas para aquele que morreu e ressuscitou, enviou-nos o Espírito Santo, a fim de realizar sua obra no mundo e completar a santificação de todos os que crêem. (LOC pp.87-88)

Ambas as liturgias contam a estória e também a representa, dramatiza: a pessoa é imersa na água e recebemos o pão e o vinho abençoados da eucaristia como sinal do Cristo crucificado e ressurrecto presente entre nós.

Em outras palavras, não só contamos estórias, mas também dramatizamos o que tentamos dizer. Em nossas relações humanas costumeiras temos o que chamamos de ações rituais que expressam um significado que não podemos expressar em palavras - tocar, segurar outra pessoa, fazer amor, compartilhar a refeição, dar presente, fazer gesto de hospitalidade e recepção, talvez, até enviar simplesmente um cartão de aniversário. São todos atos humanos muito ordinários. Assim também são o batismo e a eucaristia - lavagem na água e tomar uma refeição juntos. Mas, na adoração, essas ações humanas ordinárias são transformadas. Elas se tornam em atos pelos quais vivemos adentro a estória que nos é contada.

Então, aqui está o que desejo dizer por coragem de adorar. A Liturgia toma as nossas orações pessoais e individuais, nossas palavras balbuciantes de petição para nós mesmos e pelos outros, e nossas palavras, por vezes, frias de ação de graças e de confissão e as transforma em Palavra de Deus para nós e para o mundo em que vivemos. Os problemas não são resolvidos: as pessoas ainda morrem de câncer, nem sempre conseguimos o que desejamos, ainda continuamos presos em nossos próprios pecados e fracassos, mas está presente a Palavra divina de fidelidade, Jesus Cristo. A coragem para adorar é crer na vitória final de Deus, não como recompensa quando chegar ao céu, como aquilo que dá sentido a um mundo de outra maneira trágica e abalada.

A coragem para adorar vai ainda mais longe. Ela nos capacita continuar com alguma coisa mais do que resignação ao nosso destino, isto é, podemos oferecer louvor e dar graças a Deus mesmo na morte. É isso que proclamamos quando, no batismo e na eucaristia, contamos a estória de morte e ressurreição de Jesus, a saber, dar graças pela vida que emerge da morte. Deus sabe, não é fácil assim proceder e, por certo, fracassamos na maioria das vezes. Mas na adoração (culto) somos capazes de lembrar quem somos, somos capazes ouvir e crer na vitória de Deus. A nossa comunhão com outro é uma participação agora para aqueles de nós que acreditam e um sinal para os que ainda não crêem na promessa de Deus em Jesus Cristo.

Esse senso de ser uma comunidade sacramental, a comunidade que conta a estória de Jesus e nos chama a entrar naquela estória através da adoração, é um dos dons do reavivamento católico no anglicanismo. O reavivamento católico nos facilitou a recuperar a nossa herança como uma comunidade sacramental, porque ela viu claramente que a Igreja está fundamentada na encarnação de Deus em Cristo. Penso que seria verdade dizer que nós, na Igreja Episcopal, estamos nos tornando mais capacitados a entender a nós mesmos como uma comunidade sacramental e encarnacional através de nossa adoração por causa do Livro de Oração Comum de 1979. Este Livro nos habilitou a chegar a uma consciência maior da implicação de crer em Jesus Cristo como o coração da Igreja. Seus Ofícios têm aberto o caminho para nós o caminho da compreensão mais profunda de que a Encarnação expressa a nossa crença sobre a relação entre Deus e a nossa humanidade e que a vida sacramental consiste em viver essa relação na Igreja e no mundo.

O ofício do Batismo do Livro de Oração Comum de 1979 é um bom exemplo dessa mudança no modo como vivemos a nossa fé. Na Igreja Episcopal, os que se comprometem com Cristo no Batismo e os que renovam seus compromissos juntos tomam parte na aliança Batismal, que, no geral, se renova quatro vezes ao ano, num culto público. A aliança batismal expressa a nossa fé comum e fundamental como o povo cristão - o que nos faz cristãos e não simplesmente episcopais. Somos batizados em Cristo, não como, às vezes, as pessoas costuma dizer, batizado na Igreja Episcopal.

A aliança batismal inclui a afirmação do Credo apostólico (a confissão mais antiga da Igreja da fé cristã) bem como várias promessas, que refletem as conseqüências de nossa fé. Prometemos continuar no ensino dos apóstolos, na comunhão, ser fiéis na adoração e na oração, resistir ao mal e de nos arrependermos quando falharmos, proclamar por palavra e exemplo o Evangelho, procurar e servir Cristo em todas as pessoas, lutar pela justiça e paz e respeitar a dignidade de toda pessoa. Estas promessas batismais constantes no Livro de Oração Comum de 1979 estão capacitando os episcopais a lutar com novas questões - os conflitos atuais sobre a moralidade sexual, justiça econômica e racismo dentro da sociedade, por exemplo, que emergiram para o povo cristão no mundo em que vivem e em que eles acreditam que o Cristo encarnado está presente e ativo.

Assim como o sacramento do batismo fala em nossa incorporação na comunidade do povo de Deus, também a eucaristia é o sinal de nossa contínua participação na obra salvadora de Deus para toda a humanidade - tanto para os que crêem como também para os que ainda não crêem. O batismo e a eucaristia tornam a encarnação con-

creta em nossas vidas, isto é, Jesus Cristo não é apenas alguém do passado, uma figura histórica que lembramos, sobre quem lemos num livro ou que ouvimos de outrem. Ele é Deus presente conosco agora. Quando entramos na história de sua vida humana conosco por meio do culto, Ele abre o caminho a Deus para nós. Que é este ofício de culto, a Santa Eucaristia, que é tão central para a vida dos anglicanos?

Eucaristia

Meus anos de adoração na Igreja Episcopal têm-me mostrado que, na adoração, participo na comunhão e tenho comunhão com Deus através da história de Jesus, o qual é Deus-conosco. A minha jornada como cristão anglicano tem-me levado a explorar mais profundamente *como* a encarnação está no centro de nossa vida e como a adoração da Igreja Episcopal nos pode ajudar a crer que é isso mesmo.

A igreja paroquial, em que comecei a aprender o sentido da Encarnação e sua relação com a adoração me permitiu a aprender alguma coisa que era muito nova para mim sobre crer em Deus. Sempre acreditei que Deus existe e tinha aceito a autoridade de Deus em minha vida assim como aceitei a autoridade de meus pais e meus professores na escola como todas as boas crianças acreditavam naqueles dias. Porém o Deus em quem tinha eu crido era uma figura masculina austera, lá em cima, o qual estabelecia regras e regulamentos que governavam a minha vida. “Ele” não era alguém com quem eu tivesse contacto pessoal.

A descoberta da adoração naquela paróquia particular abriu-me um mundo novo, porque comecei ter um senso de que Deus estava presente em minha vida. Deus veio a ser alguém que se preocupava comigo de modo diferente do que meus pais se preocupavam comigo. Deus era aquele que poderia ouvir as coisas que eu não poderia contar para meus pais e amigos ou a qualquer um. Adoração na eucaristia era o meio pelo qual eu cheguei a crer em Deus, não como crer em alguma coisa sobre Deus.

Também, gradualmente, à medida que adorava a Deus por meio da celebração da eucaristia e recebia a Santa Comunhão, comecei a orar por mim mesmo, e até ocasionalmente pelos outros dum modo muito mais pessoal e sério. Comecei a orar para alguém que eu estava começando a conhecer, não como alguém sobre quem ouvia dizer. As orações “abençoa mamãe e papai” de minha infância assumiu um novo sentido à medida que comecei ter um sentido mais profundo da presença de Deus em minha vida e nas vidas dos que eu amei. Minhas orações por mim mesmo e pelos outros foram incorporados num ato mais amplo de oferta, isto é, oferta que era tanto a oração por mim mesmo e pelos outros bem como a ação de graças. É para isso que existe a eucaristia, isto é, segurar outros em Cristo e dar graças a Deus.

Também, comecei ter um senso do pecado e do fracasso que vai para além da travessura da infância. Comecei a perceber que o pecado não era simplesmente a transgressão de uma regra ou leis, fazer alguma coisa que meus pais me diziam não fazer ou o que os meus amigos consideravam errado. Confessar meus pecados no contexto da adoração ajudou-me a ver que o pecado envolvia a quebra de uma relação. Era falha no amor. Conseqüentemente, pouco a pouco cheguei a perceber que o perdão era alguma coisa mais do que ter um afago na cabeça e ouvir tudo está bem ou está aprovado por quem tinha importância. O perdão pedia alguma coisa de mim e comecei a aprender o sentido do arrependimento.

Numa novel muito popular, há alguns anos, um dos personagens dizia, “amar significa nunca ter que dizer desculpe-me, perdoe-me” Não estou certo do que o personagem quis dizer. Talvez, ela não conhecesse a si mesma. Mas através da eucaristia, aprendi que o amor, tanto a Deus como ao próximo exige dizer que estou arrependido. Isto significa uma dor profunda de saber que você quebrou uma relação por meio do seu pecado. O arrependimento não é bater na cabeça. É reconhecimento do fracasso do amor, é fracasso em dar e receber. A adoração me mostrou, pouco a pouco, como meu pecado, e meu fracasso em amar podem ser erguidos para dentro do amor mais profundo de Deus em Cristo. Estava sendo mostrado a mim alguma coisa de responsabilidade de dizer que tenho a dor profunda e do perdão como aceitação da responsabilidade pelo fracasso pessoal, aceitação possibilitada, porque é amor.

Como teria eu falado sobre todas essas questões, naquela época, não sei. Falo apenas sobre elas agora com a percepção tardia e com o vocabulário que cresceu com o tempo. No entanto, posso dizer com certeza que o que começou comigo na eucaristia quando jovem permaneceu comigo até aqui. À medida que continuo adorando Deus numa comunidade cristã que se reúne para a eucaristia, acredito que tenho crescido no “conhecimento e amor de Deus”, de modo que as doutrinas que aprendi sobre Deus por meio do ensino da Igreja e por meio de minha leitura e estudo começaram fazer sentido. Para mim, como tem sido para muitos outros, a adoração a Deus pela celebração da eucaristia tem levado à fé e ao entendimento.

Também, descobri alguma coisa a mais, embora levasse mais tempo para apreciá-la e encontrar palavras para a expressar, aprendi que, na adoração, eu não estava apenas recebendo alguma coisa de Deus. Eu estava, também, oferecendo ou dando alguma coisa de mim para Deus em Jesus Cristo. Este foi o passo principal na descoberta de uma verdade que se tornou importante para mim, cada vez mais, à medida que caminhava com Deus, isto é, o que eu sou - todas as minhas emoções complexas, conflitos, esperanças e temores - tudo isso tem a ver com Deus. Ainda posso lembrar-me do impacto que isso teve sobre mim para a compreensão de que o dinheiro, o pão, o vinho trazido para o altar para a eucaristia eram a oferta de mim mesmo para Deus. Por assim dizer, eu estava sobre o

altar sendo transformado em oração eucarística. Parafraseando Agostinho de Hipona, comecei a ver que, no que oferecia, eu mesmo estava sendo oferecido. A oração eucarística do Livro de Oração Comum de 1928 que usamos naqueles dias (ainda em uso no Rito I) ensinou-me muito sobre Deus e a mim mesmo:

E aqui oferecemos e apresentamos a ti, ó Senhor, nossos corpos e almas, em sacrifício racional, vivo e santo; rogando-te humildemente que nós, bem como todos quantos participarem desta Santa Comunhão, recebamos dignamente preciosíssimo Corpo e Sangue de teu Filho Jesus Cristo, sejamos cheios de tua graça e bênção celestial e feitos um só corpo com ele, para que ele habite em nós e nós nele. (LOC antigo, p.81)

Apresentar, participar, receber e ser feito um só corpo, Isto era a celebração eucarística. Isso me levou a perceber que não só tinha de dar atenção somente a Deus, mas também tinha de dar atenção a mim mesmo. Par um jovem como eu era dar atenção para si não é muito difícil, mas dar atenção a si mesmo enquanto dá atenção a Deus exige muito trabalho.

Assim, a eucaristia foi de mão dada com o meu desenvolvimento emocional e intelectual. O que acontecia nos domingos de manhã na eucaristia e o que acontecia durante a semana na escola, em relação com amigos e família e na descoberta de mim mesmo gradual e até, às vezes, dolorosa, acontecia a mesma pessoa. Com frequência, fiz o máximo esforço para deixar Deus separado lá e a mim aqui, não permitindo que a minha mão direita ficasse sabendo do que a mão esquerda fazia como estamos acostumados a dizer. Mas a eucaristia estava me empurrando para compreender que a pessoa real que era e que estava lutando para ser era a pessoa que estava em relação com Deus, isto é, eu era a pessoa que Deus amou e desejou, não alguém mais elegante, mais santo e mais puro ou mais obediente e menos levado pelo “orgulho, vaidade e presunção”, mas a mim mesmo.

Deus e eu, Deus e todos os outros seres humano como eu, oferecendo a si mesmo e sendo oferecido em Cristo. Isto é crer na Encarnação. É o que aprendi no coração e mente, à medida que a eucaristia de oferenda e de ser oferecido tornou-se a estrutura básica de minha fé e prática como cristão.

Em consequência do crescimento para a eucaristia, a adoração me possibilitou crer em Deus como quem posso amar, bem como quem posso conhece-lo intelectualmente. Há uma diferença considerável entre conhecer e amar, embora ambos devam ser uma coisa só, em última instância. Mas para quem como eu, que tende a intelectualizar a fé, tem sido importante ser mostrado repetidamente que a fé em Deus significa conhecer o que amamos e amamos o que conhecemos como escreveu Agostinho sobre seu próprio crescimento para Deus. A celebração eucarística mostra-me a necessidade de encontrar a unidade do amor e conhecimento. Sendo chamado para a relação pessoal com Deus santo e eterno, ficou revelado para mim que a minha crença em Deus é mais do que crer em certas proposições sobre Deus e mais do que sou capaz de imaginar sobre Deus. Como expressa o Evangelho de João, “e a Palavra se fez carne habitou entre nós e vimos a sua glória, a glória como a do unigênito Filho, cheio de graça e verdade”, (Jo 1.14). Tentei como pude e, às vezes, tentei muito, na verdade, mas não posso intelectualizar Jesus. Ele é alguém que devo continuamente buscar como a Palavra do eterno Deus e, na “carne”..

Portanto, por meio de todo esse crescimento, a adoração eucarística me propiciou a chegar ao maior conhecimento e compreensão de mim mesmo. Foi-me dado a coragem, em outras palavras, para oferecer a mim mesmo a Deus, conhecer a mim mesmo em comunhão com Deus por meio de Jesus Cristo. A palavra “coragem” não é inadequada neste ponto. Toma-se a coragem para se oferecer a Deus, pois Deus é um fogo vivo, sarça ardente, mas, no Cristo da eucaristia, aprendi que posso me oferecer porque o próprio Cristo como um ser humano como sou ofereceu a si mesmo. Não tinha de me esconder de Deus como Adão e Eva no jardim, nem me desesperar do que fui e sou. Pude ter a coragem de oferecer a mim mesmo, porque o Deus que vem a nós em Cristo me receberia e desejo de entrar em comunhão comigo, “simplesmente como sou, sem nenhum pretexto, mas porque teu sangue foi derramado por mim” como expressa um antigo hino.

Estas duas dimensões da eucaristia, isto é, o que significa crer em Deus e ter a coragem de me oferecer a Deus, foram importantes para mim como jovem adulto. Elas se tornaram cada vez mais importante para mim como adulto. Agora eu diria que eu estava, então, aprendendo o que significa engajar-me numa forma de adoração, que surge da encarnação de Deus em Cristo, o culto, que encontra a sua fonte na encarnação, isto é, que Deus está pessoalmente conosco em tudo que acontece.

Creio que o que aconteceu a mim, na minha própria jornada com Deus, desde a adolescência para a maturidade na Igreja Episcopal aconteceu e continua acontecer para muitas pessoas que “chegam para a casa” ou encontra a casa nesta comunidade de crentes. Comecei com atração à adoração litúrgica, “odores e sinos” como costumávamos dizer. À medida que continuo nesta comunidade, tenho encontrado muito mais coisas. Descobri a vida sacramental de adoração, em que a minha vida pessoal tem sido formada entrando na estória cristã e Deus transformando a minha vida. A vida sacramental do culto está se tornando, na vida de crentes, o que a definição de Calcedônia procurou expressar em palavras sobre a encarnação: em Jesus, que é um conosco e um com Deus, somos transformados

CAPÍTULO 7 - IDENTIDADE E DIVERSIDADE

Nos capítulos anteriores estivemos considerando as origens, missão, fé e adoração do anglicanismo e da Igreja episcopal. Acredito (embora outros interpretem nossa história de modo muito diferente) que a nossa história e fundamentos demonstram um padrão de continuidade e mudança - continuidade com a tradição do Evangelho que temos recebido em Cristo e, ao mesmo tempo, a disposição de interpretar e entender esse evangelho, à medida que poderiam as situações em mudança exigir. Tenho sugerido ainda que o modo com que temos entendido e acreditado na Encarnação tornou esse padrão possível para nós. A Encarnação nos tem feito convergir como comunidade litúrgica e sacramental.

Para mim, como alguém que passou todos os seus anos formativos nessa comunidade de adoração e sacramental, a Igreja tem uma clara identidade - sei o que a Igreja Episcopal é para mim porque ela tem sido minha família. Tenho vivido com ela, orado com ela e batalhado com ela. Todavia, os que vieram a esta Igreja mais recentemente e os episcopais antigos que oscilam entre uma posição e outra tolerando uma grande diversidade, poderiam dizer: é bom ser uma comunidade sacramental e litúrgica, mas o que Igreja Episcopal representa? Que lhe confere a identidade e autoridade? Que mantém a Igreja episcopal unida? Para muitos a Igreja parece sofrer uma crise de identidade.

Não posso responder tais questões definitivamente, porque outros têm sua própria perspectiva sobre a Igreja Episcopal - e a perspectiva deles é uma parte do que nos torna todos episcopais. Porém espero neste capítulo fazer algumas sugestões a respeito de como essas questões podem ser abordadas. Em outras palavras, desejo explorar o que confere à Igreja Episcopal identidade e autoridade, em meio a uma grande diversidade que vivemos. Acredito que a chave está mais uma vez na Encarnação.

Os cristãos têm sempre se preocupado com a doutrina de Cristo - e não simplesmente por causa de suas oportunidades para rodeios teológicos. Quem foi e é Jesus influi na vida comum e crença do povo cristão - como oramos e adoramos, o que cremos a respeito dos sacramentos, como agimos no mundo, que espécie de Igreja a que pertencemos e como ela cumpre a sua missão. Ao estudar essas questões e controvérsia de crença e prática a Igreja Primitiva veio a entender muito claramente uma coisa e isso foi fundamental para seus debates teológicos: a identidade, a unidade e a missão final da Igreja devem ser encontradas somente no Cristo Encarnado. Para eles Jesus Cristo foi a presença pessoal e salvadora na Igreja, que a orientava e a dirigia através dos eventos, controvérsias e crises que ela tinha de enfrentar. Em outras palavras, os cristãos acreditavam que a Encarnação fosse o centro ativo, em torno do qual tudo movia - doutrina, governo da Igreja, padrões de adoração e ministério e vida espiritual e moral do povo cristão. Sem esse centro, nada mais importava. É o que torna a Igreja ser Igreja.

A Igreja Primitiva do período patrístico, quando estavam acontecendo todas as controvérsias sobre a Encarnação, era certamente uma instituição no mundo enredado nas políticas complexas do Império Romano. Essas políticas tiveram consequências no processo de desenvolvimento e formulação da doutrina de Cristo. Todavia, ao mesmo tempo, até mesmo os polêmicos mais apaixonados do período acreditavam que a instituição com suas estruturas e preocupações políticas deve sempre dirigir os membros da Igreja para além de si mesmos para Deus que é, em Cristo, o centro da Igreja. É essa crença que resultou em argumentos a respeito da doutrina da Encarnação em primeiro lugar como tentei mostrar num capítulo anterior.

A Igreja da Inglaterra, na época da Reforma, estava também lutando com a confusão em matérias de fé e prática, embora não sejam certamente exatos os paralelos. Ao se desvincular da antiga autoridade do papa e do que o papado representava como uma fonte de unidade e autoridade, a Igreja inglesa encontrou-se em considerável conflito entre o que tinha sido e o que estava em processo de vir a ser. Semelhantemente, a Igreja Episcopal, após a Revolução, tinha de descobrir os caminhos para manter a sua continuidade com a doutrina, disciplina e adoração da Igreja da Inglaterra (e através dela com a Igreja da Bíblia e dos primeiros concílios), enquanto aprendia, também, como ser uma nova Igreja numa nova nação. Ela teve de descobrir sua identidade e sua autoridade como uma Igreja americana, não simples uma continuação da Igreja em colônias inglesas anteriormente.

Tensões semelhantes surgiram para todas as Igrejas nacionais na Comunhão Anglicana à medida que elas se libertavam do antigo Império britânico ou mais recentemente do Império americano: como estar em continuidade com tudo que o anglicanismo representa e ainda não ficar “prisoneira” da Igreja da Inglaterra ou da Igreja Episcopal. Quando lecionava em Porto Rico descobri que os anglicanos ali e em Haiti, também, batalhavam constante-

mente com esse problema. Ali a Igreja foi fruto do trabalho missionário dos americanos e eles tinham de estudar a questão do que significa ser anglicanos sem ser norte-americano ou gringos.

Acredito que é essa tensão de continuidade e mudança no coração do anglicanismo desde o seu começo que nos fez voltar apenas para o Cristo Encarnado como a fonte de nossa identidade e autoridade, à medida que abrimos o nosso caminho através das mudanças e confusões históricas. Não temos nenhum papa como a Igreja Católica Romana tem e não temos confissão formal de fé como as Igrejas da Reforma para nos dar identidade como anglicanos. Temos a Bíblia por certo, mas isso nos faz cristãos e não necessariamente anglicanos. Numa época, todos nós tínhamos o Livro de Oração Comum originário do Livro de Oração inglês, mas todas as Igrejas da Comunhão Anglicana têm, hoje em dia, seus Livros extensivamente revisados. Num sentido, tudo que os anglicanos têm é o arcebispo de Cantuária, e ele é, em última análise, simplesmente um outro bispo inglês. Assim fomos exigidos pelas nossas circunstâncias históricas considerar apenas Cristo para a nossa identidade e autoridade como uma Igreja. Talvez seja isto o testemunho que devemos dar à Igreja Una, Santa Católica e Apostólica.

Em lugar algum pode ser melhor observada essa dependência de Cristo do que em Richard Hooker. Ao procurar justificar a posição anglicana contra os puritanos e católicos romanos no início da autoconsciência anglicana, Hooker recusou a amarrar a Igreja da Inglaterra a uma só visão de como ela deve ser constituída ou a uma fórmula fixa para sua crença e prática. A Igreja, ele acreditava, encontrou sua razão de ser bem como sua vida de adoração e prática sacramentais na Encarnação. A Encarnação significou para ele que a Igreja é uma sociedade divina e humana ao mesmo tempo, em que a autoridade para disciplina e doutrina originou sempre da graça de Deus em Cristo e não da pretensão da certeza humana. Hooker voltou, muitas e muitas vezes, para o tema encarnacional da ação divina e resposta humana, Deus e história humana como o fundamento e esperança da existência da Igreja assim como ele percebeu os sacramentos que originaram do Cristo Encarnado como meios para a nossa unidade com Deus.

Este tema foi repetido muitas e muitas vezes no pensamento anglicano, levando em consideração com máxima seriedade as preocupações e conflitos da existência histórica da Igreja, embora acredite que o que toda a Igreja faz é centrar-se em Cristo. Essa questão voltou no reavivamento católico quando a Igreja Episcopal lutou com sua própria identidade, e moldou um novo pensar dos contribuintes do LUX MUNDI quando voltaram para Cristo como a Luz do Mundo, a verdade de Deus conhecida na história.

O Arcebispo Michael Ramsey resumiu esse tema recorrente quando disse a respeito do anglicanismo que

seus credenciais são sua natureza incompleta, com a tensão e a dor de parto na alma. É desajeitado e desalinado, e frustra a precisão e lógica. Pois não é enviado para aplaudir a si mesmo como melhor tipo de Cristianismo, mas por sua própria “fragmentação” apontar para a Igreja Universal que todos no corpo quebrado (de Cristo) todos morreram.²

A fé no Cristo encarnado como a única fonte de identidade e autoridade da Igreja nos favoreceu muito em muitas crise e conflitos que continuamos enfrentar no século XX. Ela nos capacitou a ser a Igreja que pode incorporar novas formas de pensamento e novas descobertas em nossa compreensão da tradição de fé e prática. É essa capacidade que dá ao anglicanismo seu senso de identidade. Somos uma comunidade de fé e prática que pode viver com mudança e diversidade que resulta das mudanças, com certo grau de confiança e coragem espirituais: coragem para crer em meio ao conflito e mudança é, como dirigia alguém, uma qualidade de identidade anglicana.

Temos sido capazes de aceitar crítica bíblica contemporânea, por exemplo, porque podemos apreciar a autoridade da Escritura dentro do contexto do Cristo encarnado: a Bíblia não é a única ou Palavra final de Deus para nós. Certamente é como Hooker havia dito, “um oráculo de Deus”, mas é também um livro histórico, escrito pelas pessoas falíveis. Podemos crer que, pela direção do Espírito Santo, seus escritores foram levados a testemunhar autenticamente a revelação de Deus em Cristo, mas a maioria dos estudiosos anglicanos sobre a bíblia, teólogos bem como a maioria dos episcopais comuns concordariam que é preciso sempre a Bíblia ser interpretada e entendida dentro da Igreja - à luz de Cristo.

Os estudiosos da Bíblia na Igreja Episcopal tais como Reginald Fuller, Fredrick Borsch e William Contryman tem ajudados os episcopais a entender a autoridade da Bíblia no contexto da autoridade mais ampla de Cristo que ainda fala à Igreja por meio do Espírito Santo. Frederick Borsch fala na tolerância anglicana,

² The Gospel and the Catholic Church, Cowley 1990 p 220.

que capacita os cristãos anglicanos a usar a Bíblia tão com seriedade quanto com liberdade responsável que ela inspira... Tão central e essencial como a Bíblia é, ela não é uma autoridade absoluta, mas, ao invés, ela aponta para a Igreja o caminho do discernimento do Espírito de Deus em ação dentro da comunidade.³

Uma outra área em que o nosso senso de identidade e autoridade que surge de nossa confiança no Cristo Encarnado é nossa disposição de permitir que a filosofia, ciência e artes informem e mesmo até interpretar a nossa crença. John Macquarrie, um dos contribuintes principais à teologia sistemática neste século, faz o uso da filosofia de Martin Heidegger para iluminar a fé cristã. Heidegger não se considera cristão, mas penou profundamente sobre as questões da existência humana neste mundo desordenado - e porque ele era um de fora, foi capaz de apontar para as dimensões trágicas da perda da fé.

Em *Princípios da Teologia Cristã*, Macquarrie descreve como tal análise filosófica, quando mesmo não é explicitamente cristã, pode servir como instrumento para articular e elucidar a verdade cristã quando “como teólogos cristãos do passado podemos valer de tal obra filosófica em curso quando melhor prestará para expressar a fé em termos que se comunicam com cultura secular de nosso tempo”. Em tal contexto, Macquarrie faz declaração de sua lealdade anglicana de via media como uma forma de relacionar a teologia com “as polaridades da própria existência humana”. Cristo, em outras palavras, como a Palavra encarnada de Deus é a “nova e decisiva revelação de uma atividade” que sempre esteve presente na própria criação - mesmo entre os filósofos.⁴

A abertura do anglicanismo à expressão artística é bem conhecida. Temos encorajado os músicos, pintores e escritores trazer suas obras para a Igreja, mesmo quando não é explicitamente cristã - temos aprendido muito deles sobre o Cristo encarnado. Quando estava em Porto Rico tive contacto pessoal com um exemplo dessa abertura à expressão artística. Quando pintores “primitivos” de Haiti começaram desenvolver uma escola significativa de nova pintura, tiveram a dificuldade de conseguir aceitação e reconhecimento - agora, naturalmente, são altamente considerados. Um bispo da Igreja Episcopal de Haiti que teve interesse no trabalho deles abriu a sua catedral para eles. Transformaram as paredes como pinturas profundamente tocantes das histórias da Bíblia no contexto da vida campestre de Haiti. Eles foram capazes de “contar a história de Jesus” de maneiras novas e vibrantes. Aqueles que haviam criticado o bispo por acolher os “pagãos” foram forçados a mudar a sua mentalidade: o Cristo encarnado que age através dos “forasteiros”, transformou o que os críticos tinham pensado que fosse estranho a Cristo.

Estes são apenas exemplos do que a encarnação tem significado para o anglicanismo. Mostram, todavia, maneira em que o que temos crido sobre a unidade divina e humana, Deus e humanidade em Cristo nos tem levado a uma identidade anglicana. Para os anglicanos a Igreja faz mediação da verdade do Deus transcendente para os seres humanos. Ela faz mediação da verdade da revelação de Deus em sua própria fragilidade e caráter incompleto - e por meio delas mesmas. Mas também essa mediação leva a verdade sobre a nossa humanidade para Deus a fim de ser reconciliada e transformada em Cristo. Pecadores em necessidade de redenção realmente somos, porém somos capazes de muita bondade. A Igreja como a encarnação nos mostra pode ser um sinal da presença de Deus para nós e nossa presença para Deus.

LIVRO DE ORAÇÃO COMUM - CHAVE HERMENÊUTICA ANGLICANA

Como uma comunidade que adora, ouve e discerne a verdade feita conhecida a nós em Cristo precisamos, também, expressar o que cremos ser a verdade. Os anglicanos têm muitas maneiras de expressar a verdade que cremos, e suas vias principais são doutrinas e formas de adoração. Para a Igreja Episcopal e para outras Igrejas da Comunhão Anglicana este corpo de crença e prática segundo seu desenvolvimento através dos séculos sua expressão mais plena e mais autorizada no Livro de Oração Comum. Os Livros na Comunhão Anglicana se diferem umas das outras, mas todos eles juntam a fé expressa na Santa Escritura e as tradições teológicas morais da Igreja como anglicanos têm recebido e entendido. Em consequência disso, é para o Livro de Oração Comum que voltamos quando queremos dizer, “isto é o modo anglicano de crer: é isto que desejamos dizer quando dizemos que cremos em Deus”. Todos os que são ordenados e todos os que têm autoridade de ensinar nas Igrejas anglicana e da Igreja Episcopal deve prometer a conformar-se ao ensino expresso no Livro de Oração Comum.

Por conseguinte, o Livro de Oração Comum é alguma coisa como chave hermenêutica para o anglicanismo. “Hermenêutica” é um termo teológico muito em uso em nossos dias que simplesmente significa, neste contexto, um modo de interpretar o material bíblico - ou lente pelo qual o lemos. Qualquer texto literário ou quanto a isso, qualquer criação artística ou evento histórico ou alguma ocorrência em nossas vidas requer ser interpretado, en-

³ Todas as coisas necessárias para a salvação, p.225

⁴ No prefácio da primeira edição

tendido e incorporado dentro de um esquema maior de outros eventos e crenças. Podemos interpretar textos ou eventos por meio de lentes ou categorias políticos, teológicos, psicológicos ou econômicos. Qual chave hermenêutica que usamos não exaure todas as possibilidades de entender o material, mas nos proporciona um caminho de sua interpretação.

Este é o modo como o Livro de Oração Comum funciona para os anglicanos: interpretamos e entendemos a Bíblia e a tradição doutrinal e moral da Igreja por meio da forma como adoramos e oramos junto como uma comunidade dos batizados. Assim, quando dizemos, “se você quiser saber o que nós, episcopais, cremos, vem e adore conosco”, estamos dizendo que a nossa maneira de adorar expressa a nossa maneira de crer. É isso o que queremos dizer por *lex orandi lex credendi* - a regra da oração é a regra do crer. O estudioso da liturgia, Leonel L. Mitchell expressou-o bem:

Num sentido real... nós episcopais somos teólogos litúrgicos. Lemos a nossa teologia do Livro de Oração Comum e do modo como celebramos seus ofícios. Formalmente, a teologia da liturgia é considerada teologia primária, *theologia prima*. A teologia é “conversa sobre Deus” e a teologia principal é a linguagem que usamos quando falamos com Deus, não simplesmente as palavras que enunciamos, mas o ato inteiro da liturgia... A natureza básica da linguagem de adoração é real e importante. Por exemplo, não é necessário que todo cristão entenda a doutrina da Trindade como é explicado detalhadamente no Credo Atanasiano.⁵ Todavia, é necessário que cada cristão ofereça oração e louvor ao Pai e Criador de todas as coisas por meio de Jesus na comunhão do Espírito Santo, pois tal é o coração de nossa fé.⁶

Devido ao fato de que a nossa maneira de adorar e orar interpreta a nossa maneira de crer, nós na Igreja Episcopal e as Igrejas anglicanas em alhures têm revisado o Livro de Oração Comum de tempos em tempos, não só para tornar a linguagem mais inteligível (pois palavras mudam de sentido), mas também para dar expressão ao que cremos sobre Deus e salvação em Cristo em diferente lugar e tempo. O presente Livro da Igreja Episcopal, por exemplo, incorporou muitas orações e práticas da Igreja primitiva, esclarecendo nossa continuidade com as tradições que remontam ao tempo anterior às controvérsias da Reforma ou das práticas litúrgicas de outros tempos.

Dois exemplos muito importantes de tais mudanças se referem ao batismo e eucaristia. O Livro de Oração Comum de 1979 esclarece que o batismo é um ato público de incorporação na comunidade da fé. Batizamos na presença de toda a congregação reunida no domingo, não num culto privado para a família e amigos imediatos como se fazia por muitos anos na Igreja Episcopal. Do mesmo modo, no Livro de 1979 a Santa eucaristia é o ato normativo de adoração para a Igreja porque é a nossa celebração no presente o evento que nos torna cristãos: a morte e a ressurreição de Jesus Cristo. Pela ação de celebrar esse evento na Eucaristia nós que fomos batizados em Cristo entramos na sua obra de salvação.

Ambas essas mudanças expressam a nossa renovação. Representam um retorno à teologia sacramental da comunidade cristã primitiva. Foi, de fato, uma renovação católica com sua recuperação da teologia sacramental de Richard Hooker, que nos possibilitou recuperar as dimensões de nossa herança anglicana, isto é, que os sacramentos do batismo e da eucaristia são atos pelos quais somos unidos a Cristo Encarnado, por quem participamos na vida divina do Deus Triuno.

Esses atos sacramentais mais que qualquer ensino oficial da Igreja Episcopal possa expor expressam a nossa crença como povo cristão. São ações pelos quais proclamamos a nossa fé em quem é a presença de Deus conosco. São ações pelos quais contamos a história de Deus em Cristo. Seja qual for ensino ou doutrinas que possamos sustentar são posteriores, subsequentes a essas ações. Como um outro liturgista anglicano, Louis Weil observou:

Adoração litúrgica autêntica atrai tudo que é humano para o seu quadro de referência... Rito litúrgicos não são maneira de vestir os ensinamentos doutrinários com roupagem de cerimônia. Ao invés de *ensinar* a fé no sentido costumeiro da palavra, a liturgia *celebra* a fé. A liturgia eleva a fé através das palavras e sinais numa experiência comunitária que expressa a fé que convocou o povo para se reunir. Todavia, a liturgia alimenta essa fé e envia o povo para viver a fé em sua vida diária.⁷

⁵ O Credo Atanasiano atribuído erroneamente por muito tempo ao teólogo Atanásio do IV século que se opôs à heresia de Ário. Às vezes é recitado na Igreja da Inglaterra, mas não na Igreja Episcopal. Encontra-se na seção dos documentos históricos do Livro de Oração Comum Americano.

⁶ *Praying shapes Believing: A Theological Commentary on the Prayer Book*, Morehouse, 1985 p.2

⁷ O Evangelho no anglicanismo, IN: Sykes, S. e Booty, J.(ed.) Estudo do anglicanismo, p.55

Naturalmente, fazer uma declaração comum da fé e representa-la em batismo nem sempre garantem que todos concordam com o que declaramos e fizemos. Ainda temos de lidar conosco mesmos como seres humanos que discordam e que não podem ser inspirados por uma fé e prática comuns.

COM FÉ VIVER AS TENSÕES RESULTANTES DA VALORIZAÇÃO DA DIVERSIDADE

E nós episcopais discordamos em termo de muitas coisas. A Igreja Episcopal tem sido considerada a “mais espaçosa” Igreja na cristandade porque somos muito tolerantes com as diferenças doutrinárias e diversidade na prática da vida cristã. Às vezes isso nos leva à confusão considerável e até pior do que isso, ao tédio e à incoerência. Os de outras Igrejas envolvidas nas conversas ecumênicas conosco lamentam freqüentemente a nossa deficiência de uma autoridade clara em matéria de fé e prática. Quando indagados qual é a nossa autoridade, apelamos vagamente à “tradição católica”, à nossa liturgia ou a tripé de Escrituras Tradição e Razão, sem uma idéia clara do que esses três pés são e como podem ser usados. Em nossa história temos adaptado com freqüência tão facilmente à “mente moderna” ou temos fracassado para apreciar a enormidade dos fracassos da cultura contemporânea e da pecaminosidade humana.

Há gente, também, na Igreja Episcopal que se desespera de nossa falta de autoridade de ensino claro e oficial. Alguns argumentariam que deveríamos aderir mais estreitamente aos Trinta e Nove Artigos de Religião ou produzir declaração confessional. Quando os bispos questionaram crenças básicas tais como nascimento virginal ou ressurreição ou ordenaram mulheres ou homossexuais houve gritos e ameaças de julgamento de heresias. Igreja “mais ampla” pode ser bagunça e desconfortável.

Então, como podemos viver pelo resto da vida a fé que nos e nos dá identidade? Creio que devemos ter a disposição, até mesmo coragem de viver com certa dose de ambigüidade em matérias de fé e prática. Não é fácil de tomar tal posição e alguns podem considerar a Igreja Episcopal frustrante e, no fim, acham que nela não encontra o seu alimento. Todavia, como alguém que tem vivido com a Igreja Episcopal por muitos anos e que encontrou nela uma comunidade que profundamente o nutre, considero tal disposição de viver com ambigüidade e ter coragem de crer profundamente mesmo quando não tem certeza absoluta é uma jornada de fé no Cristo encarnado. Permitam-me explica o que desejo dizer.

Descobri (creio que não só esta descoberta) que um dos dons de crescer da impetuosidade adolescente para, espero, a condição de adulto mais amadurecido é que, às vezes, descobrimos a graça de viver com as questões que não podem ser respondidas com certeza. Chegamos a entender o caráter experimental de muitas decisões que temos de tomar e somos um tanto inclinados a afirmar a diferença absoluta entre o verdadeiro e falso, bom e mau. Tenho, por certo, aprendido na minha história com Deus, com a Igreja e com outras pessoas e comigo mesmo que minhas decisões não são sempre corretas e meu juízo é nem sempre verdadeiro. Conheço por mim mesmo que estou errado em muitas ocasiões por acreditar que estou certo sempre.

Mesmo a respeito de minhas crenças mais profundas que sustento tenho aprendido que a ambigüidade, dúvida e questionamento são partes de minha fé em Deus. Quando comecei lecionar nos seminários teológicos cheguei a compreender que uma de minhas primeiras responsabilidades foi admitir as próprias dúvidas e dificuldades com crença cristã e prática. Os estudantes nos seminários teológicos precisam, especialmente, ouvir que a luta com crença é uma parte necessária de ser conduzidos por uma fé mais profunda em Deus. Com freqüência o clero pensa que nunca é permitido a duvidar ou ter dificuldades com a vocação ou problemas em suas vidas pessoais porque isso ameaçaria a fé que o laicato tem. Tal maneira de pensar, além de ser uma atitude superioridade, é simplesmente ingênua. O povo de Deus se reúne em eucaristia não porque confia na crença do clero, mas por causa da fé em Deus.

E para a maioria de nós, a fé em Deus significa não conhecer todas as respostas para as perguntas difíceis. É ter a coragem de crer em Deus de Jesus Cristo e a coragem de confiar no que Deus está fazendo conosco na vida bem como na morte. O autor da Carta aos Hebreus expressou muito bem: a fé é a substância do que esperamos, convicção das coisas que não vemos.(11.1). A fé, pode-se dizer, é ter a coragem de crer mesmo em meio a toda a ambigüidade e dúvida que a vida envolve assim como a adoração é ter a coragem de oferecer a Deus o louvor e ação de graças mesmo em meio da dor e desolação humanas.

A Igreja - em seu sentido amplo e católico de todos o povo de Deus - vive, também, com tal ambigüidade mesmo quando algumas partes da mesma afirmam o contrário. Assim é necessário sempre ser chamada de volta para o seu centro no mistério de Deus em Cristo. Em sua longa história com Deus a Igreja acumula uma massa de entulhos que precisam ser ocasionalmente desobstruídos. Como poderia acontecer com maioria das Igrejas a Igreja

Episcopal pode tornar-se tão segura de si mesma e de sua crença e práticas e pode torna-se preguiçosa e arrogante em relação à verdade. Contudo essa necessidade de purificação é, também, parte de nossa identidade e vocação.

Ao lidar com as questões difíceis que nos desafiam é preciso que nos lembremos de nossa história e continuar a indagar a nós mesmos que significa ser uma Igreja que encontrou o seu caminho através das complexidades da crença e prática pela sua confiança no Senhor Encarnado e na direção do Espírito Santo. O que tal crença tem significado e deve continuar significando é que cremos em Deus que está conosco nas ambigüidades, dificuldades e dores de nosso tempo e que pode transforma-las e a nós para a maior glória - é isso o que tudo se refere à Encarnação .

Na paróquia onde primeiro comecei a aprender a crer em Deus fiquei muito ligado comum hino do II século que cantávamos na Eucaristia:

Pai, damos graças a ti, que plantaste
 teu Nome em nossos corações.
 Conhecimento, fé e vida imortal
 Jesus, teu Filho nos comunica.
 Tu, Senhor, criaste todas as coisas para a tua alegria,
 Deste-nos o alimento todos os dias,
 Dando em Cristo o Pão eterno,
 Teu é o poder e louvo.

Vela tua Igreja, ó Senhor, em misericórdia,
 Livra-a do mal, guarda-a segura,
 Aperfeiçoa-a em teu amor, une-a,
 purificada e conformada à tua vontade.
 Como o grão espalhado nas colinas
 estava neste pão partido feito um,
 assim de todas as terras tua Igreja seja reunida
 no Reino de teu Filho.⁸

O grão espalhado e o pão partido feito um resumiu para mim o que estava acontecendo na Eucaristia à medida que lutava com a minha própria vida. Mas, também, esse resumo me proporcionou a visão da Igreja como uma comunidade que, com toda a sua diversidade e sua natureza fraturada é chamada para além de si mesma para Deus.

A Igreja Episcopal e o anglicanismo como um todo não estão ainda no céu! Todavia, eles nos propiciam um modo de crer que para muita gente é razoável, um jeito que nos permite enfrentar novas questões enquanto somos fundamentados na fé, no testemunho de uma comunidade histórica da fé. Mais do que nunca, nós, anglicanos, carecem da graça e presença do Espírito Santo. É preciso que tenhamos a coragem de crer e de encarar a realidade, e não fugir a isso. No próximo capítulo desejo dizer alguma coisa mais sobre o que poderia significar a coragem de crer com a Igreja e confiar no Senhor da Igreja.

Tradução de +Sumio Takatsu

⁸ Hino 302 de The Hymnal de 1982